

**MANUEL POLO CERDÁ Y ELISA GARCÍA-PRÓSPER (EDS)**

**INVESTIGACIONES HISTÓRICO-MÉDICAS  
SOBRE SALUD Y ENFERMEDAD EN EL PASADO**



**GRUPO PALEOLAB  
SOCIEDAD ESPAÑOLA DE PALEOPATOLOGÍA**

Manuel Polo Cerdá y Elisa García-Prósper  
(Eds)

---



## **INVESTIGACIONES HISTÓRICO-MÉDICAS SOBRE SALUD Y ENFERMEDAD EN EL PASADO**

---

Actas del IX Congreso Nacional de Paleopatología  
Morella (Castelló), 26-29 septiembre de 2007

Grupo Paleolab & Sociedad Española de Paleopatología

Valencia, 2009

# MEGALITISMO FUNERÁRIO NO ALENTEJO CENTRAL: OS DADOS ANTROPOLÓGICOS DAS ESCAVAÇÕES DE MANUEL HELENO

ROCHA, L (1) Y DUARTE, C (2)

(1) UNIARQ/ Univ. Évora. [Improcha@gmail.com](mailto:Improcha@gmail.com)

(2) C.M. Porto. [cidaliaduarte@cm-porto.pt](mailto:cidaliaduarte@cm-porto.pt)

## Resúmen

Se presenta el resultado del estudio de los restos osteológicos procedentes de las intervenciones del profesor Manuel Heleno, en monumentos megalíticos del Alentejo Central, y depositados en las colecciones del MNA. En términos científicos, son datos de gran importancia, si consideramos que los suelos ácidos de las pizarras y de los granitos - donde se localiza la casi totalidad de los monumentos - hacen difícil la conservación de estos vestigios.

## Palabras clave

monumentos megalíticos; Alentejo Central; restos osteológicos; Manuel Heleno

## Abstract

This is the result of the study of the human osteological remains proceeding from the interventions of Prof. Manuel Heleno, on megalithic monuments of the Central Alentejo, and deposited in the collections of the MNA. In scientific terms, these information is of great importance, taking in account the fact that schist and granit soils - where the most of the monuments are located - make difficult the preservation of this kind of evidence.

## Keywords

megalithic monuments; Central Alentejo; human osteological; Manuel Heleno

## Introdução

Na sequência do estudo das intervenções do Prof. Manuel Heleno, em monumentos megalíticos do Alentejo Central, a partir dos dados existentes nos Cadernos de Campo, foi possível constatar que num conjunto ainda significativo de monumentos haviam sido recolhidos restos humanos. Em termos científicos, trata-se de um dado de grande importância, tanto mais quanto, como sabemos, os solos ácidos relacionados com os substratos xistosos e graníticos - onde se localiza a quase totalidade dos monumentos - dificultam a conservação destes vestígios.

Manuel Heleno refere a recolha de restos humanos em 26 monumentos (Figura 1), dispersos em cinco concelhos mas, com uma concentração mais acentuada no concelho de Montemor-o-Novo, na área do Ciborro/

S. Geraldo. Para além destes, foi possível identificar restos osteológicos em mais monumentos, aquando da revisão dos materiais conservados no MNA.

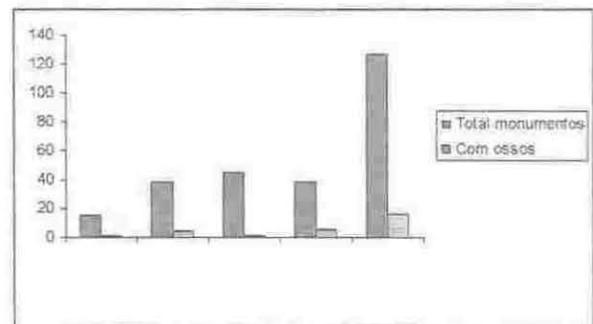


Fig. 1.

De uma forma geral, as anotações realizadas por Manuel Heleno sobre este tipo de vestígios são pormenorizadas, referindo muitas vezes o estado de conservação, a posição dos restos osteológicos e os cuidados investidos nas suas recolhas. Em relação à Anta Sul de Vale de Gato, Manuel Heleno salienta que, devido à extrema compactação das terras, procurou retirar os ossos em bloco, junto com os sedimentos que os envolviam. Esta actuação parece ter sido seguida noutros monumentos, uma vez que as observações efectuadas nos depósitos do MNA permitiram verificar que, para além de existirem conjuntos muito fragmentados (com fracturas recentes), outros se encontravam ainda envoltos em terra (Figura 2).

Na sequência da investigação realizada em torno dos trabalhos desenvolvidos pelo Prof. Manuel Heleno, no Alentejo Central, por uma das signatárias (LR), procedeu-se à limpeza, estudo e datação destes restos osteológicos, com o intuito de relacionar, numa perspectiva de Arqueologia Funerária, os restos osteológicos com o espólio artefactual analisado, numa tentativa de encontrar um parâmetro de utilização destes edifícios funerários.



Fig. 2.

### Os dados antropológicos nas antas de Manuel Heleno

Embora não existam dados seguros sobre a escavação das antas identificadas pela equipa de Manuel Heleno com espólio guardado no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa, é possível comparar os dados dos recentemente divulgados Cadernos de Campo com o espólio artefactual e osteológico ali depositados.

No caso dos ossos humanos, esta comparação deve ser interpretada com muitas reservas, já que nos é impossível saber qual a metodologia utilizada na sua recolha e se a totalidade dos restos humanos era transportada para

as instalações do museu ou se eram deixados no terreno. Há a considerar a forte hipótese de não haver uma metodologia sistemática e cada equipa ter agido de forma distinta, para cada caso. Por isso utilizámos uma análise das alterações tafonómicas para tentar detectar a origem das alterações observadas nos ossos e se elas são compatíveis e coerentes entre si. Mas, para tal análise resultar seria necessário identificar as condições de jazida de cada anta, o que não foi possível; em alguns casos, nem foram identificadas as antas mencionadas por Heleno, destruídas por trabalhos agrícolas e construção nas décadas decorridas entre a sua identificação original e escavação e o desenvolvimento do projecto aqui reportado.

Para além da sistematização efectuada no ponto 3, optámos por descrever os dados que conhecemos para as antas com restos osteológicos, alvo de estudo no presente trabalho.

Em cada monumento aparece o nome seguido de dois códigos. O primeiro, alfabético, reporta-se ao famoso “código” atribuído por Manuel Heleno a cada uma das suas intervenções e que regista, nos Cadernos de Campo (Cd) com o nome de cada monumento. O segundo é o número de inventário do Museu Nacional de Arqueologia (MNA).

### Sepultura 4ª do Zambujeiro (CG) – MNA 1047

A sepultura 4ª do Zambujeiro localiza-se na Herdade do Paço, em Montemor-o-Novo mas não foi relocada, já que havia sido destruída ainda no tempo de Manuel Heleno. Tratava-se de um monumento sem corredor, com quatro esteios, parcialmente coberta. O espólio recolhido, bastante escasso, associado à tipologia do monumento, insere-o no grupo dos mais antigos, dentro do Neolítico antigo/ médio.

Em relação a esta sepultura, Manuel Heleno referiu apenas a existência de “ossadas” e de “ossos” (Cd 18), sem especificar o local onde se encontravam ou a sua disposição. No MNA, encontram-se depositadas duas caixas com ossos, com evidentes diferenças, em termos dos sedimentos que os envolviam.

A análise antropológica realizada por Cidália Duarte e Vanda Pinheiro (Duarte e Pinheiro, 2005) permitiu

identificar dois indivíduos distintos, um de características gráceis e outro de características mais robustas mas sem conexões anatómicas nem certezas de que todos os ossos pertençam a unicamente dois indivíduos. Foi ainda possível verificar que, em ambos os casos, se tratava, eventualmente, de enterramentos individuais sendo, por outro lado, evidente alguma negligência no método de escavação, dado o elevado número de fracturas recentes observadas (Duarte e Pinheiro, 2005).

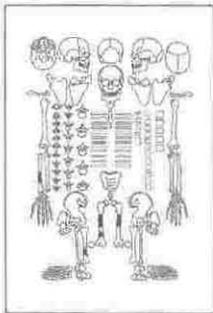


Fig. 3.

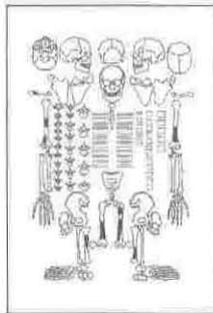


Fig. 4.

Apesar de estes dados poderem ser compatíveis com o espólio neolítico recolhido, a datação realizada a partir de osso do indivíduo de características gráceis, aponta para dois momentos de utilização, uma vez que a datação obtida remete claramente para a Idade do Bronze. Assim sendo, é possível que um dos dois conjuntos não pertença, originalmente, a este monumento, atendendo às referidas diferenças entre os sedimentos que os embalavam<sup>1</sup>.

#### Anta 2ª de Batepé (DU) – MNA 1079

A anta 2ª de Batepé localiza-se na Herdade de Batepé, em Montemor-o-Novo (Coordenadas UTM: 573200/4287600; CMP: 436). Trata-se de um monumento com câmara de cinco esteios, chapéu *in situ*, e corredor com seis esteios de cada lado, orientado para nascente e ainda com duas tampas, na altura da sua escavação. Encontra-se ainda em bom estado de conservação, não sendo visível nenhum dos esteios do corredor. Forneceu um espólio bastante diversificado, merecendo es-

pecial destaque a existência de báculos e de objectos em metal, o que o remete para cronologias mais tardias, dentro do Calcolítico.



Fig. 5.

De salientar que se trata de um monumento em que Manuel Heleno omitiu a existência de restos osteológicos, embora estivesse depositado no Museu um saco com a etiqueta “fragmento de dente de criança”. (2004.450.23, Cont. 3886, vol. 13.)

#### Anta 1ª do Deserto (EP) – MNA (?)

A anta 1ª do Deserto localiza-se na Herdade do Deserto, concelho Montemor-o-Novo. Esta anta foi provavelmente destruída, dado que não foi relocalizada nos trabalhos de prospecção até agora realizados. Trata-se de um monumento de câmara e corredor, a primeira com sete esteios e o corredor voltado para nascente, com seis esteios a Norte e quatro a Sul, chapéu caído e sem mamoa. No que diz respeito ao espólio recolhido, não se encontrou em nenhum *Caderno de Campo* a sua descrição. Apenas no Cd. 27 Manuel Heleno faz alguns comentários sobre alguns dos artefactos (lâminas largas e presença de cobre).

O saco onde se encontravam os ossos estava junto com os da Anta de N. S.ª da Conceição dos Olivais (Estremoz). Este continha apenas dois ossos, um de fauna e um outro humano (um navicular direito, quase completo, faltando-lhe apenas a extremidade medial) (Duarte e Pinheiro, 2005).

Ref.Lab.	Amostra	Contexto	Data 14C (BP)	Calibrada 1σ	Calibrada 2σ
Beta/196093	Osso	Indeterminado	3040±40	1380-1260 BC	1400-1190 BC

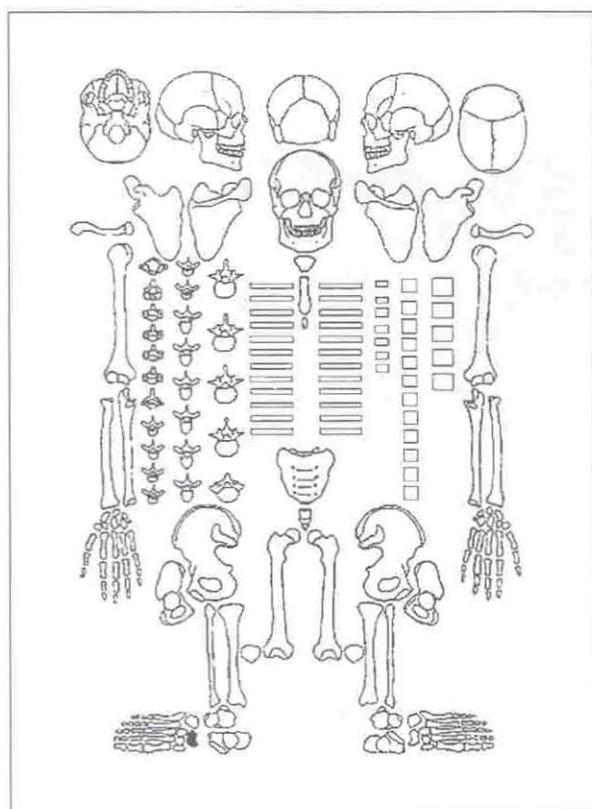


Fig. 6.

A análise antropológica permitiu verificar que pertencia a um indivíduo de características gráceis, mas adulto. Esta aparente escassez de ossos, aliada ao seu bom estado de conservação coloca-nos algumas dúvidas: com efeito, desconhecemos se se trata efectivamente de uma exclusividade, se traduz uma recolha deficiente no campo, se se trata de uma confusão de registo no Museu, tanto mais que se encontrava armazenado juntamente com os ossos de outro monumento. É ainda possível que os materiais deste monumento, juntamente com outros ossos, se encontrem noutra local.

#### Chão de Cabana da Lobeira de Baixo (CO) – MNA 1054

O Chão de Cabana da Lobeira de Baixo localiza-se na Herdade da Lobeira, concelho de Montemor-o-Novo e ainda não foi relocalizado. No que diz respeito a este monumento/sítio, que, como o nome indica, foi classificado, por Manuel Heleno, com sendo um habitat, consideramos que poderá ter sido mal interpretado. De facto,

a rápida inspecção realizada aos materiais depositados no MNA, de cariz eminentemente funerário, leva-nos a colocar a hipótese de estarmos perante uma construção funerária, eventualmente aparentada com os *tholoi*.

De realçar que Manuel Heleno faz alusão à presença de ossos queimados, classificados por ele como sendo de fauna selvagem (Cd. 19) mas que, na análise agora realizada pela equipa de antropologia se verificou que se trata de ossos humanos, nomeadamente uma diáfise de uma tíbia incinerada (Duarte e Pinheiro, 2005). A estes ossos estão associados pequenos carvões e restos de ocre ou argila vermelha. O bloco que embalava os ossos não foi limpo, de modo a poder realizar-se uma análise microestratigráfica do conjunto.

#### Anta de N. S.<sup>a</sup> da Conceição dos Olivais – MNA 0702

A anta da N. S.<sup>a</sup> da Conceição dos Olivais situa-se a nascente da Igreja com o mesmo nome, junto a Estremoz (Coordenadas UTM: 620330/4301516; CMP: 425).

Trata-se de um monumento de grandes dimensões, de que se conservavam apenas quatro esteios, três deles partidos e um outro encontrado à profundidade de 1 m. O corredor tinha apenas três esteios do lado Sul. A anta estava já sem mamoa, quase completamente desaterrada, e assim permanece. Em relação ao espólio recolhido nesta intervenção, existem dois momentos de utilização, o primeiro algures no Neolítico final/Calcolítico e, o outro, do período campaniforme (vaso e taça), no corredor.



Fig. 7.

No que diz respeito aos restos osteológicos, conservam-se no MNA dois conjuntos distintos:

1. um conjunto de ossos resultantes de uma incineração, com evidentes marcas de deformação (Figura 10), devido à acção do calor com tecidos moles associados (na caixa com a indicação "Contentor 5272, Volume 4"). Para além destes ossos existiam ainda três dentes (um terceiro molar inferior direito, um terceiro pré-molar inferior esquerdo e um incisivo inferior lateral esquerdo) sem sinais de incineração. No *Caderno de Campo*, Manuel Heleno refere apenas a existência de dentes, na câmara (Cd. 2 de Estremoz);

2. o segundo conjunto apresentava os ossos muito bem conservados (Figura 11), com sedimentos húmicos de cor castanha-acinzentada, compatíveis com os que embalavam um vaso e uma taça campaniforme e, de acordo com do *Caderno de Campo*, serão oriundos do corredor do monumento (Cd. 2 de Estremoz). Este conjunto, apresenta os ossos em bom estado de conservação, tendo sido identificados dois blocos ainda em conexão anatómica (Figura 9). O pé esquerdo, com calcâneo e astrágalo ainda "colados" com sedimento, tal como o astrágalo, o calcâneo e o navicular do pé direito (Duarte e Pinheiro, 2005).

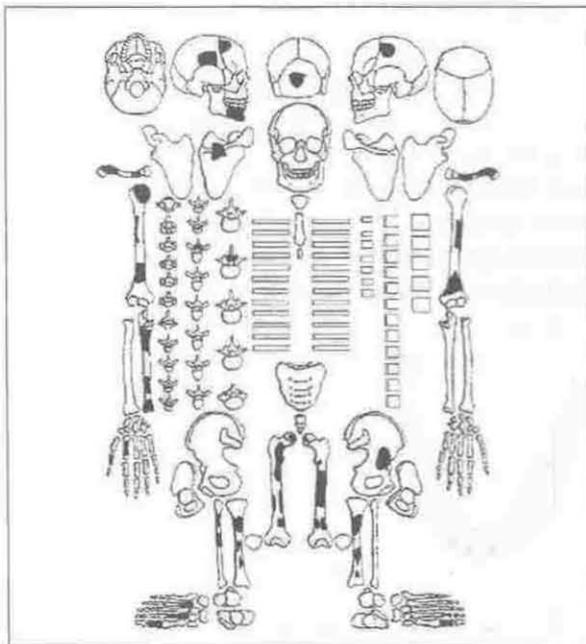


Fig. 8.

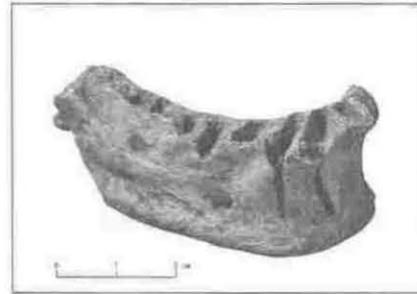


Fig. 9.

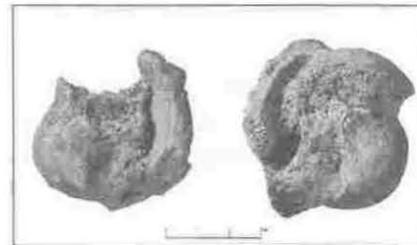


Fig. 10.

A análise osteológica permitiu verificar que nenhum dos dois conjuntos apresentava patologias visíveis, não obstante o primeiro, devido à incineração, ser de mais difícil diagnóstico. Pelo mesmo motivo, não foi possível determinar o sexo e a idade deste indivíduo, sendo certo, no entanto, que se tratava de um adulto. A intensa cremação a que foi submetido, ainda com tecidos moles, revela uma incineração intencional.

O segundo indivíduo, atendendo ao seu excelente estado de conservação e à respectiva posição dentro do monumento, corresponde, muito provavelmente, a uma reutilização do monumento, em época campaniforme. As dimensões e morfologia dos ossos do esqueleto indicam um indivíduo adulto, do sexo masculino.



Fig. 11.

A datação deste indivíduo remete claramente para a Idade do Bronze<sup>2</sup>.

#### Sepultura 6<sup>a</sup> da Aldeia de Bertianos (BT) – MNA 1039

A Sepultura 6 da Aldeia de Bertianos apresentava uma câmara de planta trapezoidal, com oito esteios. Este monumento poderá ter sido destruído uma vez que não foi relocado. Os escassos materiais recolhidos na escavação, apontam para uma cronologia mais antiga, genericamente enquadrável dentro do Neolítico antigo/médio.

Esta sepultura corresponde a outro dos casos em que Manuel Heleno não referiu, no *Caderno de Campo*, a existência de ossos (Cd. 17). No entanto, existe um conjunto de ossos humanos no MNA com esta referência, mas não se encontraram, ainda, os artefactos descritos por Manuel Heleno.

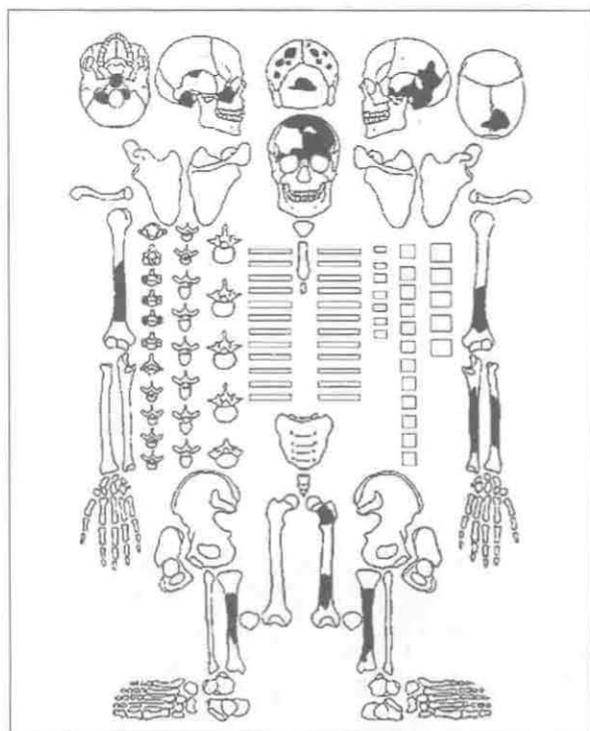


Fig. 12.

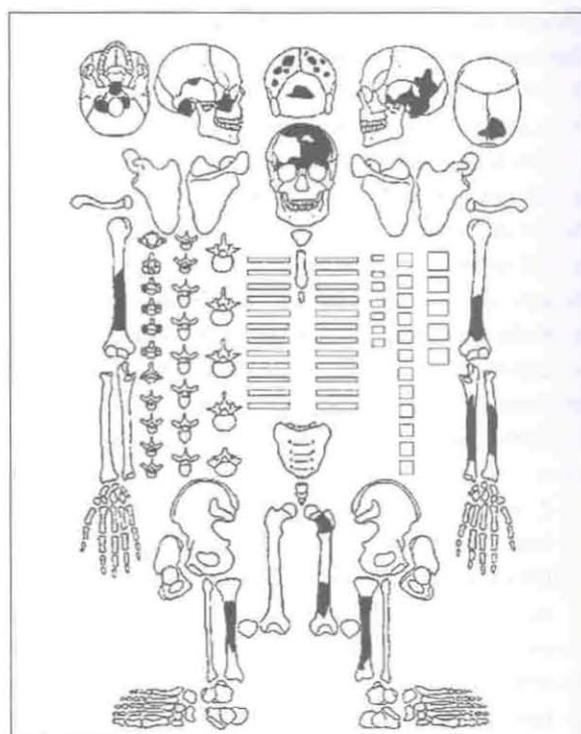


Fig. 13.

A análise osteológica permitiu verificar a existência de dois conjuntos osteológicos (Figura 12 e 13). Do conjunto maioritário, a porção mais bem conservada é o maxilar inferior, que se encontra quase completo. No entanto, a dentição apresenta características patológicas pouco frequentes nas populações do Neolítico e do Calcolítico, com muitas cáries severas e algumas interproximais (Duarte e Pinheiro, 2005). O segundo enterramento, que poderá ser cronologicamente anterior uma vez que os ossos se encontram em mau estado, tem apenas fragmentos do maxilar superior, com dentes bastantes desgastados (Figura 14).



Fig. 14.

Ref. Lab.	Amostra	Contexto Arq.	Data 14C (BP)	Calibrada 2σ
Wk 17089	Ossos	Indeterminado	3758±36	2290-2110

Este esqueleto minoritário, apesar de não duplicar nenhuma das porções do esqueleto principal, apresenta um elevado desgaste dentário que não é compatível com o do maxilar inferior do outro conjunto, pelo que se trata, de restos de outro indivíduo, cujo sexo não foi possível determinar, mas que seria de idade adulta e mais idoso que o primeiro. A configuração anatómica do queixo, triangular e ângulo gonial obtuso, apresenta características femininas, tratando-se igualmente de um indivíduo adulto.

A datação do material osteológico, feita a partir dos ossos mais bem conservados do esqueleto maioritário, permitiu, no entanto, verificar que se trata de uma reutilização posterior deste monumento no período romano ou alto-medieval<sup>3</sup>.

#### Anta da Aldeinha (CD) – MNA 1044

A anta da Aldeinha localiza-se no concelho de Arraiolos. Apresentava câmara, com oito esteios, e chapéu partido, metade caída para nascente e outra metade para poente. O corredor, com quatro esteios do lado Sul e dois esteios do lado Norte, possuía ainda duas tampas. Este monumento poderá ter sido destruído uma vez que ainda não foi relocado.

O conjunto artefactual deste monumento aponta ou para uma longa utilização, durante a pré-história, ou a sua utilização em dois períodos distintos, uma vez que se recolheram geométricos a par de lagomorfos e botões em osso.

No que diz respeito aos restos osteológicos recolhidos, a anta da Aldeinha apresenta dois conjuntos distintos, uns incinerados e outros sem qualquer vestígio de acção do calor, para além de restos faunísticos (3<sup>o</sup> molar inferior direito de oviceprídeo). Neste caso, Manuel Heleno não faz qualquer alusão ao facto de alguns ossos aparecerem queimados, anotando apenas “ossadas”, no corredor (Cd.18).

Nos ossos que foram incinerados (Figura 15), verificou-se que se trata de um indivíduo adulto e que a incineração foi realizada ainda com os tecidos moles.

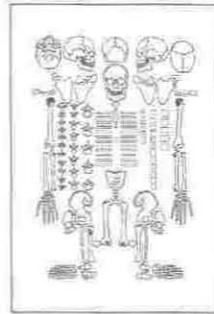


Fig. 15.

No conjunto não incinerado (Figura 16), a presença de fragmentos de calote craniana com duas espessuras diferentes (um muito fino e outro muito robusto) revelam a existência de dois indivíduos adultos, de sexo não determinável. (Duarte e Pinheiro, 2005)

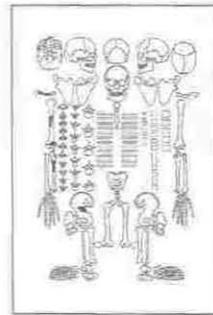


Fig. 16.

A análise osteológica deste monumento permite assim concluir que existiam, pelo menos, três indivíduos de idade adulta.

As duas amostras recolhidas nos ossos longos, não nos permitiram realizar nenhuma datação devido à escassez de colagénio.

#### Anta da Chaminé (LO) – MNA (?)

A anta da Chaminé localiza-se na herdade da Chaminé, concelho de Arraiolos (Coordenadas UTM: 579750/4288600; CMP: 437). Trata-se de um monumento de grandes dimensões com câmara de sete esteios, chapéu com covinhas e corredor com quatro esteios do lado

Ref. Lab.	Amostra	Contexto Arq.	Data 14C (BP)	Calibrada 1σ	Calibrada 2σ
Beta/196092	Ossos	Indeterminado	1720±40	250-390 AD	230-410 AD

Sul e dois do lado Norte, sem tampas e que ainda se encontra em bom estado de conservação (Figura 17).



Fig. 17.

No que diz respeito ao espólio recolhido, verifica-se a presença de materiais de cronologias mais tardias, como as placas de xisto e alabardas, o que permite enquadrar este monumento dentro do Neolítico final/Calcolítico.

No que diz respeito aos restos osteológicos e não obstante Manuel Heleno referir a existência de “ossadas” junto ao esteio de cabeceira, especificando ainda que, entre elas, existia parte de um crânio (Cd. 39), no MNA encontram-se apenas 2 fragmentos de osso longo, os quais apresentam as superfícies muito erodidas (Duarte e Pinheiro, 2005).

#### Anta 4ª da Cabeceira (GN) – MNA 1132

A anta 4ª da Cabeceira localiza-se na herdade da Cabeceira, concelho de Mora (Coordenadas UTM: 575782/4301112; CMP: 423). Trata-se de um monumento que já se encontrava muito destruído, com apenas um esteio *in situ*, na câmara (este tinha uma fiada de covinhas), dois muito inclinados, outro amputado e, os restantes caídos. Esta situação mantém-se ainda na actualidade (Figura 18). Apesar de se tratar de um monumento com

alguma monumentalidade, o espólio recolhido é bastante escasso.



Fig. 18.

A anta 4ª da Cabeceira ofereceu um conjunto de ossos humanos que pertencem, aparentemente, a três indivíduos distintos, dois adultos (Figuras 19 e 20) e a uma criança, com fragmentos de calote, dentes e ossos longos. Em relação a este monumento, Manuel Heleno refere a existência de ossos dos membros e do crânio, não especificando o local da sua proveniência (Cd.31). Os sedimentos associados são de cor clara e os ossos exibem precipitados de cor acinzentada (seg. Duarte e Pinheiro, 2005)

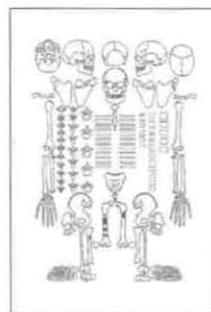


Fig. 19.

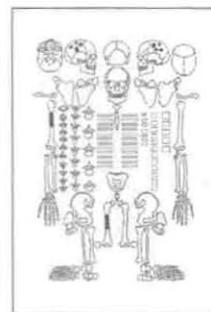


Fig. 20.

Um indivíduo subadulto encontra-se representado por fragmentos de calote craniana e dois dentes. Tendo em conta os dados odontológicos observados, teria uma idade aproximada de 8 anos (seg. Duarte e Pinheiro, 2005).

Em relação aos ossos dos indivíduos adultos, apesar de não existir duplicação dos elementos anatómicos, apresentam, no entanto, graus de robustez bem diferenciados.

Deste monumento foi possível realizar datações dos dois indivíduos as quais são genericamente iguais, dentro da primeira metade do IV milénio a.C.

A datação obtida a partir de um osso longo (fémur) do indivíduo de características mais robustas forneceu a data<sup>4</sup>.

A datação, também sobre osso longo, do indivíduo de características mais gráceis, foi<sup>5</sup>.

#### Sepulturas do Barranco da Fraga (AM) – MNA 1011

As duas sepulturas do Barranco da Fraga, que se encontravam contíguas, localizam-se na herdade do Chapelar, no concelho de Montemor. Encontravam-se já parcialmente destruídas tendo a sepultura I quatro esteios e, a sepultura II cinco esteios. Estes monumentos foram, entretanto, destruídos por uma plantação de pinheiros.

Apesar do escasso espólio encontrado nas duas sepulturas, a presença de uma ponta de cobre, na sepultura I e, de geométricos, na sepultura II, remete-as para dois momentos de utilização distintos, uma dentro do Neolítico e outra, no Calcolítico.

No que diz respeito aos restos osteológicos, existe, no MNA, um conjunto de ossos incinerados (calote craniana e osso longo), que parecem corresponder a apenas um único indivíduo (Figura 21), cuja idade e sexo não foi possível determinar. Desconhece-se ainda a qual das sepulturas pertence uma vez que Manuel Heleno se limita a referir, sem mais especificações, a existência de ossos (Cd.11).

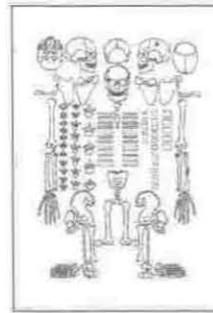


Fig. 21.

#### Anta 3ª do Barrocal das Freiras (EI) – MNA 1088

A anta 3ª do Barrocal das Freiras localiza-se na herdade do Barrocal das Freiras, no concelho de Montemor-o-Novo (Coordenadas UTM: 561951/4289812; CMP: 436). Apresentava câmara com oito esteios, mais um de reforço, sem chapéu; corredor comprido orientado a nascente, com duas partes: um átrio curto e uma antecâmara. Com seis esteios do lado Sul e cinco do lado Norte. Actualmente, apesar de conservar a sua monumentalidade (Figura 22), encontra-se mais destruído, com os esteios da câmara muito inclinados para o interior e, do corredor apenas são visíveis quatro esteios. O espólio recolhido vem atestar a cronologia tardia deste monumento.



Fig. 22.

Não obstante os ossos provenientes deste monumento serem bastante escassos (Figura 23) e apresentarem diferentes índices de robustez, é provável que se trate de um único indivíduo, adulto. Manuel Heleno refere apenas a existência de restos de membros, na câmara (Cd. 26).

Ref. Lab.	Amostra	Contexto Arq.	Data 14C (BP)	Calibrada 2σ
Beta/196094	Ossos	Indeterminado	4780±40	3650-3510

Ref. Lab.	Amostra	Contexto Arq.	Data 14C (BP)	Calibrada 2σ
Wk 17084	Ossos	Indeterminado	4759±41 BP	3640-3490

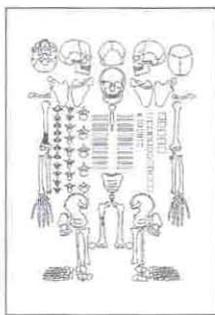


Fig. 23.

A datação deste indivíduo remete, no entanto, para a Idade do Bronze, apesar do espólio não parecer ser compatível<sup>6</sup>.

#### Oeste da Estrada de Montemor (Z) – MNA 1209

A anta Oeste da Estrada de Montemor localiza-se na herdade do Azinhal, no concelho de Coruche (Coordenadas UTM: 571280/ 4296460; CMP: 422). Apresentava câmara com sete esteios (dois dos quais fracturados) e corredor com três esteios de cada lado, já sem chapéu. O corredor tinha apenas uma tampa. Tem, actualmente, mamoa relativamente bem conservada e cinco esteios *in situ* na câmara (Figura 24). O espólio recolhido aponta para cronologias mais recentes, dentro do que poderíamos considerar Neolítico final/ Calcolítico.



Fig. 24.

Deste monumento existe, no MNA, um conjunto de ossos que apresentam diferentes graus de conservação os quais foram interpretados por Manuel Heleno como pertencendo a um único indivíduo, inumado em decúbito dorsal (Anta Z, Cd.9).

Apesar do diferencial estado de conservação destes ossos, não foi detectada nenhuma duplicação de elementos ósseos (Figura 25), pelo que se deve tratar de restos de um único indivíduo adulto, mas jovem.

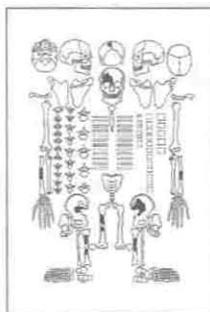


Fig. 25.

Da análise osteológica de restos do osso ilíaco, com uma grande chanfradura ciática e superfície auricular do lado esquerdo e ainda a existência de duas depressões na zona do sulco pré-auricular, permite ainda concluir que se tratava de um indivíduo do sexo feminino, que já deveria ter passado por uma gravidez (Duarte e Pinheiro, 2005).

#### 1ª de Alcarou de Baixo (JN) – MNA 1167

A anta 1ª de Alcarou de Baixo localiza-se na herdade de Alcarou de Baixo, no concelho de Mora (Coordenadas UTM: 582549/4299720; CMP:423). Apresentava câmara com sete esteios, chapéu, e corredor com quatro esteios de cada lado, uma tampa e pedra de fecho; orientado a nascente (Figura 26). Segundo Manuel Heleno este corredor tinha “duas partes” (Cd. 36). Foi realizada apenas a planta do átrio e do corredor. Não obstante as dimensões do monumento o espólio recolhido foi bastante escasso e tipologicamente pouco conclusivo uma vez que aparecem mais antigos associados a outros mais recentes.

Ref. Lab.	Amostra	Contexto Arq.	Data 14C (BP)	Calibrada 2σ
Wk 17086	Ossos	Indeterminado	3355±35 BP	1740-1530



Fig. 26.

Da anta 1ª de Alcarou existe, depositado no MNA, um conjunto de ossos que permitiu obter alguns dados osteobiográficos. Na descrição deste monumento, Manuel Heleno refere a presença de ossos, no lado Norte da câmara (anta JN, Cd.36).

Foi identificado um mínimo de dois indivíduos (Figuras 27 e 28), possivelmente três (Figura 29). Tendo em conta os restos ilíacos conservados, trata-se de dois indivíduos do sexo feminino. Um deles (do lado esquerdo, marcado com o número JN 13) possui um marcado sulco pré-auricular, normalmente associado a marcas de gravidez. O mesmo se passa com o osso ilíaco do lado direito assinalado com o número JN 10 (Duarte e Pinheiro, 2005).

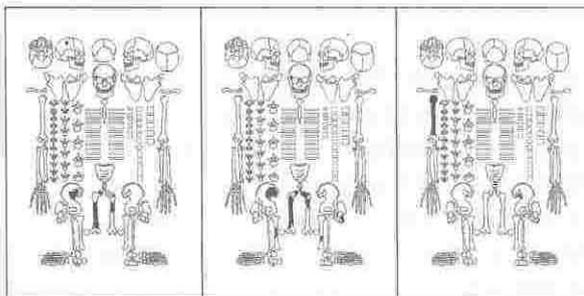


Fig. 27.

Fig. 28.

Fig. 29.

Também um dos fêmures (do lado esquerdo) apresenta indícios de degradação da superfície articular e da *fovea capitis*; tem aspecto grácil e mede de diâmetro antero-posterior subtrocantérico, 21 mm. Existe um fragmento de diáfise de fémur direito

compatível com este, também bastante grácil. (Duarte e Pinheiro, 2005).

A presença de um terceiro osso ilíaco, com uma cavidade acetabular de dimensões consideráveis, com um diâmetro de 51 mm, de um úmero direito com forte inserção do deltoide e diâmetro vertical da cabeça de 48 mm (Figura 28) pode representar a existência de um terceiro indivíduo, mais robusto, do sexo masculino (Figura 29). Nas inserções do *Teres major* e *Pectoralis major* possui deposição de osso secundário (Duarte e Pinheiro, 2005).

A datação não foi ainda possível face à inexistência de colagénio nos dois ossos analisados.

### 3ª de Alcarou de Baixo (JP) – MNA 1169

A anta/sepultura 3ª de Alcarou de Baixo localiza-se na herdade de Alcarou de Baixo, no concelho de Mora. Este monumento ainda não foi relocalizado no terreno. Apresentava câmara de pequenas dimensões, muito destruída, com três esteios *in situ* e dois caídos. Uma tampa caída ao lado.

Tendo em conta não só o tipo de espólio recolhido, a sua escassez e a tipologia do monumento, este monumento deve enquadrar-se dentro do grupo mais antigo. Infelizmente a ausência de datações absolutas não nos permite estabelecer, com clareza, as suas balizas cronológicas, mas que genericamente se deve inserir dentro do Neolítico antigo/médio.

Da anta 3ª de Alcarou de Baixo encontra-se depositado no MNA, um conjunto de ossos (longos, cranianos e dentes) com a superfície bastante erodida, desidratada e com sulcos (Figura 30). Trata-se de mais um caso em que Manuel Heleno não refere a presença de ossos (Anta JP, Cd.36).

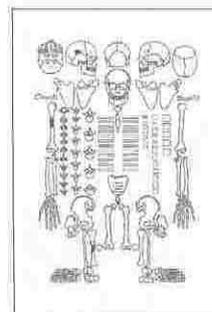


Fig. 30.

Os restos humanos deste monumento permitiram concluir que se tratava de apenas um indivíduo de idade adulta já avançada (os dentes apresentavam um desgaste significativo), mas cujo sexo não foi possível determinar (Duarte e Pinheiro, 2005).

A datação não foi ainda possível face à inexistência de colagénio nos dois ossos analisados.

### 2ª da Lobeira de Baixo (CI) – MNA 1049

A anta 2ª da Lobeira de Baixo localiza-se na herdade da Lobeira de Baixo, no concelho de Montemor-o-Novo. Este monumento ainda não foi relocalizado. Apresentava câmara de cinco esteios e chapéu e corredor com quatro esteios do lado Sul e três do lado Norte, com uma tampa. Encontrava-se quase toda coberta pela mamoa, tendo parcialmente a descoberto apenas o chapéu (Cd.20). O espólio recolhido aponta para cronologias mais recentes, do Neolítico final/ Calcolítico.

A anta 2ª da Lobeira de Cima tinha contentorizado no MNA um conjunto de blocos de sedimentos, com alguns fragmentos de ossos longos incorporados, muito desidratados e escamados. Para além destes torrões, existia ainda um fragmento de calote craniana e dois dentes de adulto.

Em relação a este monumento, Manuel Heleno refere a existência de dois esqueletos na câmara, a cerca de um metro de profundidade. Anota ainda que um deles parecia segurar na mão direita um báculo e tinha a cabeça assente numa pedra (anta CI, Cd.19).

Apesar desta anotação detalhada da posição dos restos osteológicos, por parte de Manuel Heleno, o número de ossos depositados no MNA é muito reduzido (Figura 31).

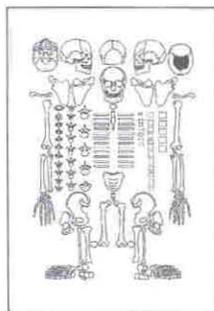


Fig. 31.

Tendo em conta os escassos ossos avaliados, apenas se pode concluir que este monumento tinha no mínimo um enterramento de um adulto, de idade jovem (Figura 31). Os dentes recuperados são compatíveis com este diagnóstico, podendo pertencer a um mesmo indivíduo (Duarte e Pinheiro, 2005).

### 2ª da Lobeira de Cima (CX) – MNA (?)

A anta/sepultura 2ª da Lobeira de Cima localiza-se na herdade da Lobeira de Cima, no concelho de Montemor-o-Novo (Coordenadas UTM: 562628/4290353; CMP:436). Apresentava câmara de seis esteios, dos quais apenas dois se encontravam ainda *in situ*. Actualmente encontra-se muito destruída, com todos os esteios tombados. À semelhança do monumento anterior, também este pela sua tipologia e material se deve enquadrar dentro do Neolítico antigo/ médio se bem que com intrusões posteriores, no período romano.

Apesar de Manuel Heleno referir a recolha de “ossos” e a presença de materiais romanos, a análise laboratorial realizada permitiu verificar que não se trata de ossos humanos. Assim sendo, estes restos faunísticos poderão estar associados a uma fase de violação/reutilização de época histórica (Anta CX, Cd.21).

### Sul de Vale de Gato (N) – MNA 1198

A anta Sul de Vale de Gato localiza-se na herdade de Vale de Gato, no concelho de Coruche (Coordenadas UTM: 565450/4297224; CMP: 422). Apresentava câmara com cinco esteios *in situ*, o esteio de cabeceira tombado para Oeste e, dentro da câmara, um outro esteio caído. O corredor apresentava dois esteios de cada lado. Este monumento, originalmente com mamoa, encontra-se, actualmente, bastante danificado, com os esteios muito inclinados, sobretudo os da câmara e com muita vegetação que impede uma visualização correcta do conjunto (Figura 32). O espólio recolhido (Quadro XVI), pouco abundante para as dimensões do monumento, remete-nos para cronologias mais recentes, do Neolítico final/ Calcolítico.

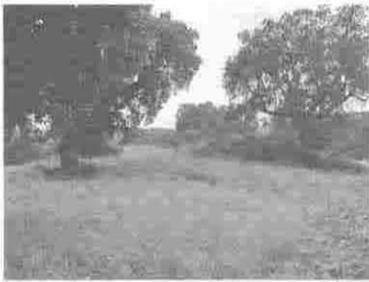


Fig. 32.

De realçar que Manuel Heleno demonstrou um particular interesse no que diz respeito aos enterramentos deste monumento, descrevendo a sua localização e procurando removê-los, muitas vezes, em bloco, para não os fragmentar, devido à elevada compacticidade das terras (anta N, Cd. 6).

Deste monumento existe depositado no MNA um conjunto de ossos muito fragmentados, que, na sua maioria, não permitiram identificação anatómica nem, consequentemente, a determinação do número mínimo de indivíduos.

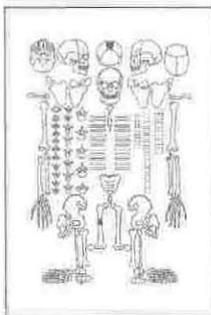


Fig. 33.

Dos materiais e ossos removidos em bloco, salienta-se dois vasos com ossos e terra compactada, no interior e um bloco de terra com o negativo de um endocrânio (Figura 34), na zona occipital e parietal. Estes foram mantidos intactos e informado o sector de Conservação e Restauro do Museu Nacional de Arqueologia da necessidade de um trabalho de consolidação. O negativo corresponde, certamente, ao crânio de um indivíduo adulto (Duarte e Pinheiro, 2005).



Fig. 34.

Dos poucos fragmentos ósseos passíveis de identificação, foi possível determinar a presença de um adulto com calote craniana de espessura considerável, representada pela porção de parietais direito e esquerdo com sutura sagital. Para além destes fragmentos, só foi passível de identificação um fragmento de porção pétreo do temporal e um fragmento de fémur, de osso cortical bastante espesso (Duarte e Pinheiro, 2005).

Os restantes ossos encontram-se muito fragmentados, maioritariamente com fracturas recentes, certamente relacionadas com a dureza dos sedimentos.

A datação não foi ainda possível face à inexistência de colagénio nos dois ossos analisados.

#### Paço (B) – MNA 1023

A anta do Paço – B localiza-se na herdade do Paço, no concelho de Montemor-o-Novo (Coordenadas UTM: 567906/4291930; C'MP: 422). Apresentava câmara com seis esteios *in situ*, mais um caído, junto da câmara. O corredor tinha duas tampas e nove esteios do lado Norte e 10 do lado Sul. Este monumento encontra-se num excelente estado de conservação, sendo pouco visível a área do corredor (Figura 35). Trata-se de um monumento que pela sua tipologia e espólio teria sido construído e utilizado já no Neolítico final/ Calcolítico.



Fig. 35.

Em relação a este monumento e, não obstante, Manuel Heleno ter sido muito sucinto no que diz respeito à recolha de ossos, encontrava-se armazenado, no MNA, um pequeno contentor com oito dentes humanos e dois fragmentos ósseos de fauna.

Apesar dos escassos restos conservados, a análise dos dentes – tendo em conta os níveis de desgaste do esmalte, em conjunto com o grau de desenvolvimento das coroas e dos dentes – permitiu verificar a existência de um jovem com menos de 12 anos, uma criança com menos de 6 anos, um jovem com pouco mais de 12 anos e um indivíduo adulto de idade desconhecida.

### Cabeço da Areia (AL) – MNA 1010

A anta/sepultura do Cabeço da areia localiza-se na Herdade do Chapelar, concelho de Montemor-o-Novo. Este monumento ainda não foi relocado por se encontrar, muito provavelmente, destruído. Apresentava câmara com seis esteios e chapéu. O corredor abria-se para nascente, encontrando-se em parte destruído do lado esquerdo devido à construção de uma habitação. Actualmente, a anta para além de continuar anexada a duas habitações está a ser utilizada como área de armazém (Figura 37). O espólio recolhido e a tipologia e dimensões do monumento inserem-no dentro do grupo de monumentos do Neolítico final.

Da sepultura do Cabeço da Areia encontra-se depositado no MNA um conjunto de fragmentos de ossos cranianos e de ossos longos (Figura 36), para além de dois dentes. A matriz envolvente é arenosa e os dois parietais (direito e esquerdo) estão ligados por essa matriz (Duarte e Pinheiro, 2005).

Manuel Heleno refere a recolha de ossos do crânio e ossos longos e que o crânio se encontrava junto do esteio de cabeceira (anta AL, Cd.11)

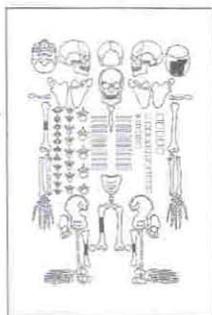


Fig. 36.

A análise osteológica dos fragmentos ósseos e dentes desta sepultura indiciam, no entanto, a presença de, no mínimo, dois indivíduos. A calote craniana e um dos dentes pertencem a um jovem, com crânio de paredes finas e suturas completamente abertas. O segundo molar inferior, contudo, pertence a um indivíduo adulto. Os ossos longos, pela sua relativa robustez, podem pertencer a um indivíduo adulto, mas é difícil o diagnóstico, dada a sua fragmentação (Duarte e Pinheiro, 2005) Foi efectuada uma datação a partir de um osso longo, do indivíduo de características mais robustas<sup>7</sup>.

### Estanque (AR) – MNA 1016

A anta do Estanque localiza-se na vila de S. Geraldo, no concelho de Montemor-o-Novo (Coordenadas UTM:570139/4291216; CMP: 436). Apresentava câmara com sete esteios e chapéu. O corredor abria-se para nascente, encontrando-se em parte destruído do lado esquerdo devido à construção de uma habitação. Actualmente, a anta para além de continuar anexada a duas habitações está a ser utilizada como área de armazém (Figura 37). O espólio recolhido e a tipologia e dimensões do monumento inserem-no dentro do grupo de monumentos do Neolítico final.

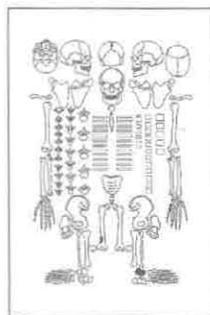


Fig. 37.

A anta do Estanque tem depositado, no MNA, um conjunto de restos faunísticos para além de ossos humanos gráteis (Figura 38) e de 6 dentes humanos de dentição permanente. A matriz envolvente é arenosa (Duarte e Pinheiro, 2005). Manuel Heleno refere apenas o aparecimento de “ossadas” no corredor (anta AR, Cd.13).

Ref. Lab.	Amostra	Contexto Arq.	Data 14C (BP)	Calibrada 1σ	Calibrada 2σ
Beta/196091	Ossos	Indeterminado	4650±40	3510-3430	3520-3350



Fig. 38.

A análise antropológica aponta para a existência de, pelo menos, três indivíduos, tendo em conta os ossos presentes e os dentes.

Os ossos podem, teoricamente, pertencer todos a um mesmo indivíduo, adulto mas de aspecto grácil; porém, a análise dos dentes, aponta para a presença residual de 3 indivíduos distintos: uma criança muito jovem (2 anos  $\pm$  8 meses), uma criança de cerca de 8 anos ( $\pm$  24 meses), um adulto de idade indeterminada mas não idoso, este provavelmente compatível com os restos de esqueleto analisados (Duarte e Pinheiro, 2005).

O 4º metacarpiano possui um comprimento máximo de 44.06 mm e um comprimento inter-articular de 43.7 mm. O astrágalo, igualmente pouco robusto, tem um

comprimento máximo de 51 mm, com uma superfície articular inferior para o calcâneo, com 26 mm de largura médio-lateral.

Nos três dentes da dentição permanente, há a assinalar uma linha de hipoplasia do esmalte, muito levemente vincada, mas presente.

A datação não foi ainda possível face à inexistência de colagénio nos dois ossos analisados.

### As conclusões possíveis

A análise dos restos humanos recuperados por Manuel Heleno, apesar de serem, em termos absolutos, muito escassos, permitiram-nos obter alguns dados significativos sobre os tipos de deposições, a distribuição etária e sexual dos indivíduos representados e detectar, ainda, algumas lesões patológicas.

Apesar dos *Cadernos* registarem, em muitos casos, a presença de crânios e esqueletos, em muitos outros não discriminam de todo o tipo de ossos recolhidos; no entanto, em relação à sua posição dentro dos monumentos, Manuel Heleno é, com frequência, bastante preciso (Figura 39).

NOME	OBSERVAÇÕES
Sul Vale Gato (N)	Câmara: lado esquerdo, para quem está voltado para a "pedra mestra," estavam esqueletos na argila endurecida. Apareceram na câmara dois crânios e restos talvez de outros.
W Estrada Montemor (Z)	Apareceram em frente aos esteios ossos em camada: Esteio A) ossos dum esqueleto. Havia crânio e pela posição deste e dos outros ossos tive a impressão que o morto fora deitado de costas.
Cabeço Areia (AL)	Ritos funerários: Inumação. Ainda apareceram fragmentos do crânio e dos membros. O morto tinha a cabeça para o poente junto à pedra mestra.
1ª Aldeia Bertandos (BO)	As ossadas dispunham-se do lado Norte da anta; a cabeça virada para Este.
2ª Lobeira Baixo (CI)	2 esqueletos à profundidade de 1m, com as cabeças voltadas para SW e talvez no começo para W, tendo um deles sobre o peito um objecto de forma de báculo, com decoração, que parecia agarrar com a mão direita. O crânio estava encostado à parte média do esteio B, a um metro de profundidade. Parece que o esqueleto estaria deitado de costas, a cabeça sobre uma pedra larga.
1ª Nabos (DZ)	A 1,10 m, ossos desfeitos; 1 fragmento de mandíbula com um dente. Mais 1 dente.
1ª Alcarou (JN)	Ossadas. O esqueleto estava com a cabeça voltada para nascente na câmara, do lado Norte.
Courela Moinho (JK)	Ossos: o crânio parece que estava para poente.
Chaminé (LÖ)	Ossadas: parte dum crânio. Estava junto da pedra mestra, entre esta e o que segue para a direita
N. S. Conceição Olivais	Corredor: Ossos dos membros inferiores dum esqueleto. Este parece orientar-se com a cabeça para poente, isto é, voltada para a câmara e correndo paralela às pedras do corredor. Este estava à profundidade de 0,30. As ossadas estavam cobertas por pequenas lajes que ajustavam mesmo em cima deles. Eram constituídos por fêmures e por outros ossos das pernas (fêmures ou tíbias?). Câmara: - dentes

Fig. 39.

Considerando apenas este conjunto de monumentos, podemos verificar que os ossos se encontram sobretudo na câmara e, dentro desta, maioritariamente do lado Norte e junto ao esteio de cabeceira.

Na anta Oeste da Estrada de Montemor (Z), Manuel Heleno refere que, junto ao primeiro esteio da câmara, do lado esquerdo, se encontrava parte de um esqueleto que, pela sua posição, lhe parecia ter sido deitado de costas (anta Z – Cd. 9).

Existem ainda dois casos em Manuel Heleno refere a existência de apenas ossos dos membros. Na 3ª do Barrocal das Freiras (EI) anota a presença de “restos dos membros” (anta EI – Cd.26) e na anta de N. S. da Conceição dos Olivais, a descrição é mais completa, referindo que os ossos “dos membros inferiores dum esqueleto (...) eram constituídos por fêmures e por outros ossos das pernas (fêmures ou tíbias?).” (N. S. C. Olivais – Cd. 2).

Em relação às associações dos ossos ao espólio, mesmo tendo em conta que a decomposição do corpo (nos casos de deposições primárias) implica deslocamentos quer dos próprios ossos quer dos materiais – para além de diversos outros tipos de eventuais perturbações – destacam-se, em função das observações de Manuel Heleno, três monumentos: a sepultura do Cabeço da Areia (AL), a anta 1ª da Aldeia de Bertandos (BO) e a anta 2ª da Lobeira de Baixo (CI).

Na primeira, Manuel Heleno refere que, junto aos ossos, se encontravam duas lâminas pouco espessas e de secção sub-rectangular (anta AL – Cd.11). Na anta 1ª da Aldeia de Bertandos (BO) encontravam-se junto aos ossos contas de colar e pontas de seta, o que indicia a existência de um colar e, eventualmente, de pelo menos um carcás de arqueiro (anta BO – Cd. 16). Na anta 2ª da Lobeira de Baixo (CI), um dos esqueletos teria, sobre o peito, um báculo, que parecia segurar com a mão direita, enquanto a cabeça repousava sobre uma pedra (anta CI – Cd. 19).

A identificação de *deposições primárias* é, neste caso concreto, relativamente difícil, uma vez que exige uma metodologia de escavação adequada e, de preferência, a participação de especialistas de antropologia física.

As dificuldades são, naturalmente, agravadas por diversos tipos de perturbações pós-deposicionais, de origem natural, nomeadamente a acidez dos solos e as acções mecânicas dos animais escavadores ou das raízes, e de origem antrópica, em particular as que resultaram dos eventuais enterramentos mais recentes (reutilizações ou utilizações continuadas) e das violações.

Infelizmente, para além dos obstáculos acima elencados, as escavações de Manuel Heleno estiveram longe de corresponder aos padrões mínimos, pelo que uma grande parte da informação, neste domínio, se perdeu irremediavelmente. Contudo, existem ainda dois casos em que se pode equacionar a possibilidade de deposições primárias:

1. o enterramento do corredor da anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, associado a materiais campaniformes, que apresentava ainda dois blocos em conexão anatómica;
2. a anta 2 da Lobeira de Cima (CI) que, segundo a observação de Manuel Heleno, continha os restos de um indivíduo que parecia segurar um báculo sobre o peito.

No que diz respeito às *deposições secundárias*, os dados disponíveis, embora nem sempre de forma unívoca, são um pouco mais expressivos.

Na verdade, este tipo de deposições, em que, de uma forma ou de outra, o cadáver seria descarnado fora do monumento, pode, teoricamente, corresponder a situações muito distintas:

1. inumação numa sepultura provisória e posterior transladação para o monumento;
2. inumação num monumento mais antigo e posterior transladação para um novo monumento;
3. exposição do cadáver e deposição dos restos no monumento;
4. incineração no exterior e deposição dos restos no monumento;
5. incineração *in situ*.

Os três primeiros casos são, em princípio, arqueologicamente indistinguíveis. Em todos eles, é suposto faltarem partes do esqueleto, estando sub-representados os ossos das extremidades e sobre-representados os ossos

longos e os crânios. No entanto, os problemas derivados da conservação diferencial dos restos osteológicos, nos solos ácidos, não permitem, neste domínio, interpretações definitivas.

No caso da sepultura 6 da Aldeia de Bertandos (BO), o esqueleto maioritário poderia, teoricamente corresponder a uma deposição secundária, uma vez que apenas foram recolhidos ossos do crânio e ossos longos; no entanto, a cronologia histórica que a datação mais recente (período romano) implica parece afastar essa hipótese, uma vez que tal prática não parece estar documentada, nessa época. Neste caso, será mais razoável assumir uma inumação primária perturbada.

No caso da anta da Aldeinha (CD), os restos de dois indivíduos, sem vestígios de cremação, resumem-se igualmente a fragmentos de ossos longos e do crânio, não existindo aqui, pelo menos que se saiba, as reticências atrás apontadas, o mesmo acontecendo com os enterramentos da sepultura 4 do Zambujeiro (CG).

Em contrapartida, a anta 1 do Deserto (EP) ofereceu apenas um osso navicular o que, pelos motivos opostos aos acima referidos, indicia, eventualmente, uma transladação das restantes partes esqueléticas para outro local.

Quanto às cremações fora dos monumentos – provavelmente realizadas na área imediata – destacam-se os casos da anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, da anta da Aldeinha (CD) e sepultura do Barranco da Fraga (AM). As marcas de torção, bem patentes nas ossadas (em particular, no primeiro caso), demonstram que a combustão dos cadáveres foi realizada ainda com a presença de tecidos moles e, por outro lado, que esta operação deve ter sido realizada no exterior, devido às altas temperaturas que foi necessário atingir.

No que diz respeito ao carácter individual ou colectivo dos enterramentos, os indícios disponíveis devem igualmente ser relativizados; nos casos em que foram identificados restos de um único esqueleto, podemos, efectivamente, estar em presença das tumulações mais recentes, após a dissolução dos ossos de outras mais antigas, uma vez que este fenómeno tende a reduzir acidez dos solos. Nos casos em que se contabilizaram

vários esqueletos, pode, em contrapartida, tratar-se de reutilizações que, naturalmente, não alterariam o carácter individual do primeiro uso do monumento.

Seja como for, em relação ao número mínimo de indivíduos representados, podemos considerar que existia pelo menos um indivíduo em 10 monumentos (considerando aqui também os casos em que apenas existia um ou dois ossos), dois em quatro monumentos, três em quatro monumentos e quatro num monumento.

As análises efectuadas permitem, por outro lado, admitir – sempre com as reservas acima expostas – que, por estarem presentes indivíduos dos dois sexos e de diferentes grupos etários, incluindo crianças, se trata, em princípio, de uma população natural (Fig.40), contrariando, aliás, algumas ideias correntes sobre o assunto (Jorge, 1989, 1990).

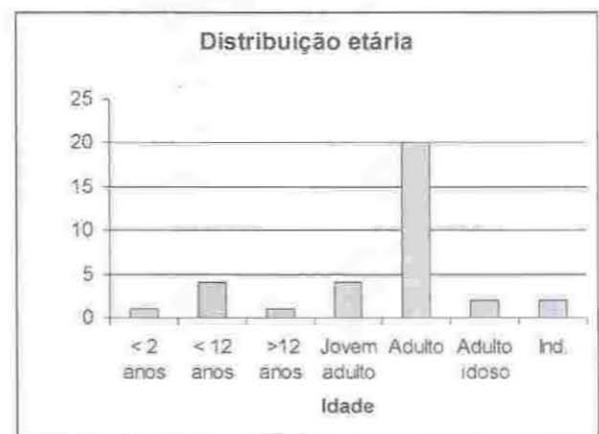


Fig. 40.

Note-se que, em termos muito gerais, a determinação do sexo se pode basear nas características gráceis ou robustas através dos restos osteológicos. No entanto, tendo em conta que essas características não são lineares – existindo sempre uma certa variabilidade individual – apenas foram considerados, neste trabalho, os casos em que, graças a indicadores mais seguros, os restos ósseos não ofereciam dúvidas; por essa razão, apenas foi possível confirmar, de forma inequívoca, seis casos (Figura 41)

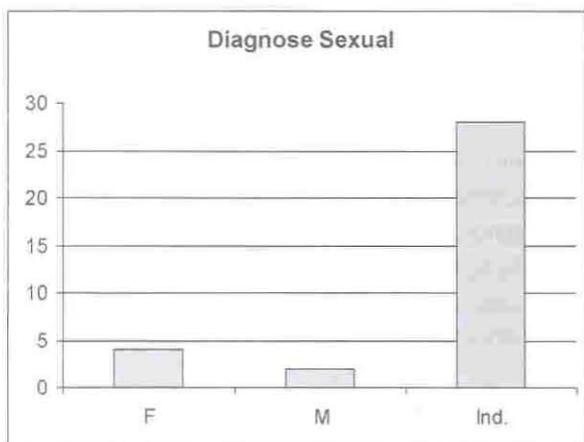


Fig. 41.

As alterações tafonómicas mais visíveis eram as marcas de roedores, em alguns ossos, e a desidratação e erosão, noutros.

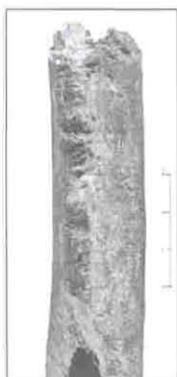


Fig. 42.



Fig. 43.

Em relação às patologias, apenas na anta 1 de Alcarou foi possível detectar algumas, de ordem mecânica, num fémur esquerdo que tinha indícios de periostite e *fovea capitis* profunda e num úmero direito que, nas inserções do *Teres major* e *Pectoralis major*, tinha deposição de osso secundário. Em relação a estas patologias, apenas podemos afirmar que revelam um esforço continuado da perna esquerda e do braço direito (Duarte e Pinheiro, 2005).

Quanto aos dentes, não deixa de ser estranho que, apesar de serem as partes dos esqueletos mais resistentes aos diversos tipos de alterações pós-deposicionais, se encontrem fracamente representados (apenas 39 exemplares) no universo em análise.

Na anta do Estanque, a presença de um dente com uma linha de hipoplasia do esmalte, embora apenas levemente marcada, indica uma ruptura nutricional que levou a uma interrupção mínima de crescimento, numa idade compreendida entre os 2 e os 4 anos de idade (aproximadamente), podendo corresponder, nesta idade, a um desequilíbrio por desmame. (Duarte e Pinheiro, 2005).

A análise do desgaste dentário foi, por outro lado, pouco significativa, devido à escassez de dados e também à presença de enterramentos mais tardios, os quais, em geral, implicam níveis de desgaste mais elevados. O enterramento da sepultura 6 de Aldeia de Bertandos (BT), apresenta uma dentição com características patológicas (muitas cáries severas e interproximais) pouco frequentes nas populações Neolítico final e Calcolítico; na verdade, a datação obtida permitiu confirmar que se tratava de um enterramento de época romana.

O uso aparente do ocre e/ou do fogo nos rituais funerários, aparece atestado em alguns dos monumentos.

Quanto ao ocre, a sua presença é referida apenas na sepultura de Vale de Covas (CP), em que Manuel Heleno refere que “apareceu (...) a 0,80 de profundidade. Estava espalhado numa mancha avermelhada” (anta CP – Cd. 20).

Na do Curral da Antinha, por outro lado, Manuel Heleno observou, directamente sobre o fundo do monumento, uma camada vermelha, embora não especifique se, efectivamente, se tratava de ocre.

A presença de materiais com cinzas e/ou carvões e ocre na base de alguns monumentos, foi registada por M. Heleno em oito monumentos. De realçar que este tipo de registo parece ter sido muito mais cuidadoso nos primeiros anos, até 1933; depois desta data, Manuel Heleno não torna a referir a presença deste tipo de vestígios.

Se a simples presença de cinzas ou carvões pode traduzir a existência de fogos de carácter higiénico, ou mesmo relacionar-se apenas com a limpeza prévia do terreno, antes da construção dos monumentos, ou ainda remeter para episódios anteriores (como algumas datações, noutras áreas, parecem sugerir), a sua associação

com os espólios deve traduzir outro tipo de situações. Dentro do conjunto apresentado no Quadro anterior salientam-se três casos: a presença de cinzas dentro de vasos (anta do Paço – A e anta do Chapelar), a associação de carvões e cinzas com as oferendas funerárias, nas antas do Paço – B, Sul de Vale de Gato e na 1ª de Bertíandós.

Em relação à primeira, M. Heleno refere claramente que as duas placas de xisto e o vaso se encontravam na base do monumento, associados a carvões. Na anta Sul de Vale de Gato, as cinzas que apareceram à entrada do corredor estavam associadas a duas lâminas cruzadas e uma placa de xisto, enquanto as da câmara se encontravam junto a dois vasos e um crânio, muito destruído. Na anta 1ª da Aldeia de Bertíandós, as cinzas do corredor estavam associadas a machados.

#### **Bibliografia**

DUARTE, C, V. PINHEIRO (2005) – *Análise dos restos humanos da colecção de Manuel Heleno do Museu Nacional de Arqueologia (o Alentejo Central)*. CADERNOS DO CIPA (relatórios de análise laboratorial), Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

ROCHA, L. (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada. FLL Universidade Lisboa.